

Dossiê TRANSFOPRESS – Parte I: A imprensa em língua estrangeira publicada no Brasil

Organização:

Valéria Guimarães

Tania Regina de Luca

O conjunto de textos apresentados na revista *Escritos 9* compõe a primeira parte do Dossiê TRANSFOPRESS – *Transnational network for the study of foreign language press (18th-20th century)*,¹ rede composta por pesquisadores de diferentes países que se dedicam ao estudo da imprensa periódica publicada em língua diversa da erigida pelo Estado como oficial. Nesta oportunidade, apresentam-se os artigos referentes aos periódicos publicados no Brasil, e, no próximo número da revista *Escritos*, virá à luz a parte II: “A imprensa em língua estrangeira publicada na Europa e nas Américas”. Todos os textos foram apresentados no II Encontro TRANSFOPRESS – “Por uma abordagem transnacional da imprensa em língua estrangeira” –, realizado em São Paulo em novembro de 2014,² e aqui se encontram ampliados e atualizados.

A atividade impressora no Brasil iniciou-se de forma tardia, em consequência da censura metropolitana, que vigorou até 1808, quando os prelos foram enfim instalados no país, o que não significou, entretanto, o fim do controle por parte do Estado. O contexto mudou com a partida da Corte, o fim da censura e as incertezas quanto ao futuro da colônia, o que multiplicou, em escala até então inédita, a circulação de panfletos, jornais e revistas, que não paravam de surgir em todo o país. De fato, a atividade tornou-se, ao longo do século XIX, cada vez mais intensa e diversificada.

É certo que os títulos em língua estrangeira começaram a surgir de maneira tímida, mas ganharam fôlego com a grande imigração, que se tornou realidade

¹ Mais informações sobre a rede internacional estão disponíveis em: <<https://uvsq.academia.edu/TRANSFOPRESSNetwork>>. Sobre o grupo brasileiro, TRANSFOPRESS Brasil: <<http://transfopressbrasil.franca.unesp.br>>.

² II Encontro TRANSFOPRESS, 28-29 nov. 2014, Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo. Site do evento: <<http://jfb.franca.unesp.br/noticias/ii-encontro-transfopress>>.

a partir da década de 1880. Entretanto, o crescimento, mesmo que comportasse jornais diários, como no caso do *Fanfulla*, não foi suficiente para atrair a atenção dos pesquisadores, exceção feita aos trabalhos dedicados à formação do mercado de trabalho e à entrada de imigrantes. Mesmo em tempos recentes, as iniciativas continuaram restritas às instituições ligadas diretamente ao tema.³ Se é certo que a grande maioria compunha-se de pequenas folhas, produzidas em papel de baixa qualidade, sem periodicidade certa e afastada do mercado, nada disso justifica a negligência e desatenção historiográfica em relação a essa documentação.

Assim, com o objetivo de melhor conhecer esse *corpus*, pesquisadores reuniram-se na rede de pesquisa internacional TRANSFOPRESS, idealizada e coordenada por Diana Cooper-Richet (Universidade de Versalhes, França), com vistas a responder ao desafio de estudar essa documentação como parte da história da imprensa, sem acantoná-la como produto de imigrantes, tal como no esforço levado a cabo no presente dossiê.⁴ É bom ter presente que se trata, em sua maioria, de *works in progress*, mas que já apresentam substanciais resultados de pesquisa e apontam para as múltiplas potencialidades analíticas do tema. Organizados cronologicamente, atravessam os séculos XIX e XX e contemplam as imprensas francesa, italiana, japonesa e armênia publicadas no Brasil, além de trazerem subsídios para o estudioso que se aventure a pesquisar periódicos publicados em outros idiomas.

O conjunto abre-se com o artigo “Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)”, de Valéria Guimarães, que tem como objetivo sistematizar, num quadro coerente, todos os periódicos publicados nessa língua, no recorte espaço-temporal proposto, além de fazer breve descrição e análise de alguns deles. A imprensa franco-brasileira do Rio de Janeiro e de São Paulo pode ser dividida em duas fases: a primeira, no século XIX, verdadeira “era de ouro” e na qual se conta com maior número de títulos, enquanto a segunda, relativa à passagem para o século XX, com menos títulos, embora alguns deles muito longevos. A cronologia proposta obedece à lógica da expansão da imprensa francesa,

³ Caso do Museu da Imigração, que realizou no ano de 2010, em São Paulo, uma exposição que resultou na publicação do livro: SOUZA, Marcelo Cintra. *A imprensa imigrante: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial; Memorial do Imigrante, 2010.

⁴ COOPER-RICHET, Diana. Aux marges de l’histoire de la presse Nationale: les périodiques en langue étrangère publiés en France (XIXe-XXe siècles). *Le Temps de Médias. Revue d’histoire*, Paris: Printemps, n. 16, 2011.

centro intelectual mundial desde fins do século XVIII, o que se faz notar não apenas no grande número de impressos periódicos franceses que circulavam pelo mundo, como pela orientação editorial da maioria desses jornais, a qual revelava os ecos dos temas discutidos em Paris.

A imprensa francófona, embora não tenha sido numerosa, quando contrastada à produzida por outras nacionalidades, exerceu papel significativo no panorama das publicações estrangeiras publicadas no Brasil. Ao que tudo indica, *L'Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire*, de Pierre Plancher, foi o primeiro jornal francês do Rio de Janeiro, e talvez do Brasil, surgido em 1827 (ou seja, somente 19 anos depois da liberação dos presos da censura portuguesa). Muitos desses jornais aglutinavam não só a colônia francesa propriamente dita, como se esperaria de um órgão de representação dos imigrantes, como outros grupos francófonos, como belgas e suíços. O mais notável, porém, era o engajamento de brasileiros nessas iniciativas, não apenas como leitores, mas também como colaboradores assíduos e atuantes.

Também sobre a imprensa francesa, mas com foco em um estudo de caso, o artigo “Henri Plasson e a primeira imprensa francesa no Brasil (1827-1831)”, de Isabel Lustosa, explora o interessante personagem que foi Henri Plasson, francês radicado no Brasil, editor do jornal *Le Courrier du Brésil: feuille politique, commerciale et littéraire* (1828-1830) e figura ligada a d. Pedro I, com quem partiu para o exílio em 1831. Sua tendência liberal manifestava-se de maneira singular no contexto do Primeiro Império, e seu jornal exerceu papel central nos acalorados debates políticos que culminaram com a Abdicação. Com sua saída, o jornal passou a ser publicado em inglês e português, com o nome de *Moderador ou Novo Correio do Brasil*. Plasson era igualmente um ativo colaborador de jornais parisienses e simbolizava, de maneira exemplar, a figura do mediador cultural, que fazia a ligação entre os dois continentes separados pelo Atlântico.

Se a imprensa francesa obteve recepção muito favorável, malgrado sua pequena quantidade, a imprensa italiana, muito mais numerosa, também foi muito difundida em terras brasileiras, embora nem sempre tenha sido bem acolhida (a exemplo de alguns jornais operários, que foram perseguidos e mesmo empastelados). Com títulos em abundância, em um volume proporcional ao processo migratório proveniente da Península Itálica, ela já foi bem explorada, dada sua relevância e importância para a história de certas regiões do Brasil.

No artigo “A Itália em guerra: a coletividade imigrada e o *Fanfulla* de São Paulo durante o primeiro conflito mundial”, Angelo Trento, especialista no tema, analisa o mais importante jornal italiano publicado no Brasil, o *Fanfulla* (1893-actual) no período da Primeira Guerra Mundial, e seu papel ativo no apoio à participação dos imigrados no conflito europeu. Ao mobilizar a comunidade, alimentar ritos patrióticos e recolher subvenções, o *Fanfulla* mostrou-se um órgão oficioso atuante e de importância incontestada. O autor nos mostra como as discussões e tensões presentes em solo europeu eram, assim, apropriadas no contexto brasileiro.

Ainda sobre a imprensa ítalo-brasileira, Vera Chalmers explora justamente as interações linguísticas entre os imigrantes e o contexto de recepção no jornal anarquista *La Guerra Sociale* (1915-1917 e 1935), de franca oposição à grande imprensa. Para além do bilinguismo (ou poli-linguismo), comum no jornalismo alógeno, a autora estuda a forma dialetal ítalo-paulista, como o “macarrônico”, e destaca a particularidade das interações culturais que são reveladas sob tal perspectiva de análise. A constituição de uma “identidade da classe operária” é uma das funções cumpridas por tais variantes dialetais, ao tornarem o texto mais acessível, o que, segundo a autora, possibilitou que a condição de imigrante fosse ultrapassada para dar um sentido de integração universal às reivindicações dos trabalhadores, estrangeiros ou não.

Outros grupos também são contemplados pelos pesquisadores. Um deles é o importante núcleo japonês, cuja imprensa é analisada no artigo “*Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil) e *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-brasileiro): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941)”, de autoria de Monica Setuyo Okamoto e Yukako Nagamura. As autoras encaram o desafio de trabalhar com esses dois jornais publicados em São Paulo, escritos em japonês arcaico e, portanto, de difícil leitura, e trazem uma contribuição inédita sobre o tema. Privilegiam a descrição detalhada das rubricas, das diferentes tendências ditadas por editores de posições explicitamente divergentes e o papel desses impressos na formação de opiniões no interior da comunidade nipônica. Por fim, a cronologia adotada leva em conta as interações com o contexto nacional, sendo o exemplo mais marcante o encerramento abrupto das duas publicações em 1941, devido à imposição do decreto oficial que ordenava o fechamento das redações japonesas, alemãs e italianas em todo país, em represália à participação desses países no Eixo.

A invisibilidade de certos grupos no panorama da imigração no Brasil é questão recorrente, vista a imposição dos padrões do Estado-Nação, o que também teve consequências para a história da imprensa. Um dos melhores exemplos dessa negligência é a história dos armênios no Brasil, como destaca Heitor Loureiro, cujo artigo “A voz do povo armênio: imprensa armênia em São Paulo (1940-1970)” descreve a trajetória de órgãos como *Ararat – a voz do povo armênio* (1946-1950), *Verelk* (1940-1947), *Hayasdani Tsayn* (1947), *Revista Cultural Brasil-Armênia* (1947-1950), entre outros. Evidencia-se a apropriação da história da Armênia Soviética pelos periódicos e as cisões existentes no seio da comunidade que então se constituía em São Paulo. O autor trabalha com outras fontes além dos periódicos, uma vez que nem sempre conseguiu ter acesso aos mesmos, e traça um amplo quadro das tensões políticas decorrentes da oposição do governo brasileiro aos ideais comunistas, tema também analisado à luz das posições divergentes entre os armênios imigrados.

Encerrando o dossiê, o artigo “A presença de jornais em língua estrangeira em algumas bibliotecas paulistas e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”, de Tania Regina de Luca e Margaret Alves Antunes, leva a cabo extenso levantamento de impressos periódicos em língua estrangeira presentes em acervos públicos de São Paulo e Rio de Janeiro. Os dados são organizados em quadros comparativos, os quais evidenciam a importância dessa documentação, que poderá ser utilizada por pesquisadores que se debruçam sobre o tema. A partir da sistematização e comparação dos resultados com dados estatísticos sobre a imigração, as autoras levantam interessantes hipóteses relativas às modestas proporções desse *corpus*, sua recepção, bem como ao que concerne às políticas de conservação que nem sempre privilegiaram a guarda desse tipo de material.

Revelar uma faceta da história da imprensa brasileira até então pouco explorada, ao tirar do esquecimento pessoas e instituições muitas vezes desconhecidas ou, pelo menos, pouco analisadas é, seguramente, uma das contribuições das pesquisas em curso no âmbito do projeto TRANSFOPRESS Brasil.